

O BERÇO da CREI

ASSINATURA: Anual, 20\$00; Trimestre, 5\$00; Avulso, \$50

Semanário nacionalista

Propriedade da Empresa
Editor — ANTÓNIO LINO

DIRECTOR: H. ALMEIDA

Redacção e Administração — Rua da República, 48-1.º
Impressão: Tip. Minerva — Vila Nova de Famalicão

Martins Sarmiento e o nacionalismo português

Por ANTÓNIO-LINO.

NA História do Renascimento Nacional hão-de aparecer, em letras de oiro, os nomes dos arqueólogos e folcloristas da nossa terra. Se a Pátria no século passado se não subverteu completamente com a acção demolidora do liberalismo, a êles devemos o esforço que fizeram para não deixarem perder «na babilónia dissoluta da política e do exotismo as características seculares do nosso povo».

«Extinta a vida provincial, mortos no urbanismo crescente os longos serões à lareira, o património lírico do tronco luso depressa se apagaria nos moldes uniformizadores duma odiosa compressão centralista, se ao génio esquecido dos Antepassados não acudisse a dedicação infatigável de meia dúzia de obreiros, no seu momento os únicos que puderam fixar as razões eternas da existência de Portugal.»

No meio do caos em que viviamos destacam-se meia dúzia de Homens: são os folcloristas, são os arqueólogos que, «de alvião em punho, tentam salvar da casa em ruínas o tesouro escondido na pedra da lareira».

Palavras do grande mestre António Sardinha, que, colhendo os frutos da sementeira dêsses folcloristas e arqueólogos — «para que da colheita resultem outras colheitas e a seara cresça sempre, viçosa e forte» — de novo as entregou à graça das Estações.

E é ainda o Mestre que fala: «vasculhando na poeira das civilizações defuntas, Martins Sarmiento ligara a génese da Pátria a um ocidentalismo cada vez mais provado, donde nos sai, no seu sentido histórico, a árvore-de-geração de Portugal».

*
* *

Nasceu Francisco Martins de Gouveia Morais Sarmiento a 9 de Março de 1833, filho de Francisco Joaquim Gouveia de Morais Sarmiento e de D. Joaquina Rosa de Araujo Martins.

Entrando aos 8 anos na escola primária, aos 15 concluiu os preparatórios, matriculando-se na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, onde terminou a sua formatura em 1853, tendo apenas 20 anos de idade.

Importara-se pouco com o ensino livresco, de forma que ao sair de Coimbra diluíra-se o bacharel, aparecera o poeta.

E' a primeira fase da Obra de Sarmiento: escreve poesias e folhetins.

Passados anos aborrece-se dêste género de literatura; entra então na polémica.

E' a mocidade (dos 20 aos 30 anos), influenciada pelo meio ambiente, de Sarmiento: irrequieta e vaga, liberal e romântica.

Viu então que andava por caminhos perdidos, longe das realidades da Pátria, e, desiludido, regressa ao caminho histórico da tradição (não confundir tradição com

(Continua na pág. 3).

A' MARGEM

Passa hoje mais um aniversário do nascimento do glorioso e sábio vimaranense, Francisco Martins de Gouveia Morais Sarmiento.

Não podia, êste jornal, semanário nacionalista, deixar passar esta data do nascimento do grande e vibrante nacionalista, que foi Martins Sarmiento.

E é, sob êste ponto de vista — embora seja para êle toda a finalidade da Obra de Sarmiento: o amor da Pátria, das suas glórias e tradições — que Sarmiento é menos conhecido, ou, melhor, mais facilmente esquecido.

Na nossa homenagem de hoje, bem sabemos que singela, procuramos, foi êsse o nosso intuito, despertar na mocidade portuguesa, o estudo das Obras de Sarmiento, fonte viva para a formação duma mentalidade e carácter sãos.

E a maior homenagem a prestar à memória de Sarmiento será a da divulgação da sua Obra.

Foi o que fizemos transcrevendo alguns excerptos dos diferentes ciclos da Obra de Martins Sarmiento.

Algumas das notas fôram tiradas de inéditos de Sarmiento. Nesses inéditos aparecem conceitos não só de carácter científico, mas também sobre política, moral e religiões, crítica literária e científica, filosofia, etc., etc.

Na balbúrdia do século XIX aparece-nos meia dúzia de obreiros, que, com patriotismo e fé, se propõem estudar o passado, para continuarem a marcha interceptada em 1820. São os Homens da «Portvgália».

Uma proposta de largo alcance

Em 28 de Dezembro do ano findo, na sessão de Direcção da Sociedade Martins Sarmiento, o sr. Alberto Vieira Braga apresentou a seguinte e oportuna proposta:

«Achava muito útil e de proveito, a criação, dentro desta Colectividade, de uma Comissão efectiva, que em jornadas semanais, possivelmente, corresse a extensa zona do nosso concelho, e desenvolvesse a sua actividade e guiasse o seu apaixonado interesse, na dupla vantagem do enriquecimento do nosso museu arqueológico, e do inventário e estudo de todos os objectos e monumentos valiosos e dignos, que espalhados se encontrem, e não possam, por circunstâncias várias, dar entrada nas respectivas secções do Museu Martins Sarmiento.

De passo, essa Comissão, não só trataria de recolher todas as espécies arqueológicas, que estão, por muitas bandas, à sombra dos adros, das igrejas, dos passais e cemitérios de aldeia, inventariando metódicamente, pelo estudo descritivo e fotográfico, os de difícil recolha, como também iria obtendo, por compra, os objectos mais curiosos e típicos, de feição puramente local, que servissem ao futuro e projectado museu etnográfico.

Esta Comissão abranjeria igualmente, nos seus estudos e na largueza dos seus absolutos poderes, as diversas correntes de ligação Etnográfica e Folclórica.

E assim, as tradições seriam arrecadadas na pureza da origem e na multiplicidade flagrante e espontânea do dialecto, das frases feitas e dos ditados.

Pelo directo contacto com alguém do povo, o folclore seria apanhado, na riqueza do seu cancionero e romancero, quasi sempre salteados e variados de local para local, não esquecendo o inventário dos seus trajes e a relação das suas danças preferidas, dos seus divertimentos predilectos, dos seus instrumentos musicos e das suas apeirias de lavoura.

Relação muito curiosa e nova, entre nós, e que daria mais tarde, um soberbo estudo de galeria, onde figurariam desconhecidos e humildes valores, seria o da recolha dos nomes dos cantadores e cantadeiras mais afamados e dos improvisadores mais brilhantes de farsa repentina, ajuntando deles uma amostra do seu merecimento poético...

No Brasil, os livros deste género são frequentes, e os consagrados desta laia aparecem, vindos de todas as camadas de mestiçagem que gravitam naquela grande Nação irmã. Cantadores e poetas

(Continua na coluna lateral direita)

AO GRANDE VIMARANENSE

«O passado está mais perto de nós do que vulgarmente se imagina», escreveu algures o grande arqueólogo Dr. Francisco Martins Sarmiento, cuja memória os bragançanos veneramos de modo especial, por ser o despertador, entre nós, dos estudos arcaicos.

Acorreu-me há dias este profundo conceito, quando baptizava uma criança e ouvi recomendar, com muita instância, ao portador do vaso da água, que o não pousasse no chão, nem deixasse arramar nenhuma pinga dela, a fim de evitar que a criança ficasse babosa.

Inquirindo, disseram-me mais: que a portadora do neófito o devia levar sempre e trazer no braço direito e no regresso entrar em casa com o pé direito e não com o esquerdo, do contrário a criança seria infeliz e perversa.

Esta mesma crendice da entrada com o pé direito, se aplica aos nubentes no regresso a casa após o casamento.

Entre nós ainda o rifão popular lembra: «entrar com o pé direito» para significar o bom êxito das pessoas.

Os romanos tinham como mau presságio entrar em casa com o pé esquerdo e chegavam ao ponto de construírem as escadas só com degraus ímpares, pois, como naturalmente se inicia a marcha com o pé direito, sempre este é o primeiro a entrar na casa ⁽¹⁾. *Numero impare dens gaudet* ⁽²⁾.

Nos cultos de Vesta usavam-se vasos terminados inferiormente em bico, para se não poderem segurar de pé e pousar na terra, cousa sacrílega no conceito da respectiva liturgia ⁽³⁾.

Possivelmente, nesta concepção se filia a crendice referente ao baptizado supra. E' que «o passado, como dizia o sábio arqueólogo, está mais perto de nós do que vulgarmente se imagina».

FRANCISCO MANUEL ALVES

(Abade de Baçal).

⁽¹⁾ Rich, *Dictionnaire des antiquités romaines et grecques*, artigo Gradus.

⁽²⁾ Virgilio, *Eccloga*, VIII.

⁽³⁾ Rich, *Dictionnaire*, etc., artigo Futile.

RESPONDENDO

A uma carta, pedindo colaboração para o número comemorativo do aniversário de Sarmiento, recebemos do ilustre historiador e crítico dr. Alfredo Pimenta

St. Director:—A carta em que me pede colaboração para o número do seu magnífico semanário dedicado à memória de Martins Sarmiento, veio encontrar-me a curar, à antiga portuguesa, uma fortíssima constipação: entre lençóis, com sinapismos de *Rigolot* nas pernas.

Ku queria enviar-lhe um artigo que não me desagradasse e que fôsse homenagem digna da minha admiração pelo grande Mestre da minha geração, e eterno Exemplo da sociedade portuguesa.

Não posso, pois, ainda hoje nem sei como sair de casa, com este nordeste tresloucado e frio que afugenta as decisões mais heróicas dos meus 54 anos, queimados por trabalhos e causeiras sem péso nem medida.

O artigo irá, porém, um dia, logo que me seja permitido escrevê-lo.

Mas não quero faltar à chamada—e aqui estou com esta carta que é uma ficha de presença, e as palavras que ela contém, que são fôlhas humildes de um ramo singelo, que espalho com devoção sobre o túmulo de Martins Sarmiento.

Guimarães é uma terra digníssima de inteligências superiores e de espíritos notavelmente cultos.

Pelas idades fora, ela tem afirmado sempre o seu lugar primacial, no campo da Cultura pura.

Sarmiento, dentre os obreiros do Espirito, é um dos primeiros—pela alta nobreza dos seus processos, pela puríssima intenção da sua obra, pelos sacrifícios ingentes que fez para a sua realização.

Ele desbravou muita selva virgem e agra, e ensinou a todos nós como se trabalha, com honra e amor.

Alimentei, um dia, o sonho de escrever a biografia de Sarmiento—a biografia que ainda se não escreveu e já se devia ter escrito.—Mas, grilheta da vida, tendo de amanhar dia a dia o pão de minha casa, tenho de pôr de parte sonhos, para me sujeitar ao império das realidades. E assim, faço o que me é possível: trabalhar. E cada obra que sai do meu trabalho, traz esta pergunta alfinetada:—agradar-lhe-ia, Sarmiento?

O meu culto por êle é de todos os dias e de todas as horas. Foi talvez a sua existência que rumou a minha existência...

Creia-me, Sr. Director, seu muito grato,

ALFREDO PIMENTA.

Uma proposta de largo alcance

populares, têm de há muito, ali, a sua nomeada em livros de bons autores.

E pelas nossas aldeias, quantos ignorados fazem com modesta simplicidade e gracioso sabor ingénuo, ao jeito dos antigos improvisadores de rimas para os cegos, cantigas ligeiras para as cascatas de S. João, para as rifas, para os «Reis», para os testamentos de Judas e para as disputas e algazarras do Carnaval!...

Estava a calhar o saber-se também, qual o valor das indústrias caseiras de cada freguesia, os instrumentos de que se servem para o seu fabrico manual, e colhêr, dos mais curiosos e artísticos produtos, uns desenhos ou fotografias, inquirindo, para um minguado dicionário de artistas populares, quais os nomes dos abridores de jugos, dos ornamentos das espadelas e espadeladoiros dos conversados, das feitureiras dos bordados e dos architectos dos andores e arcos, monumentos soberbos de romaria de inegalável imponência, na ingenuidade brincada dos seus efeitos de recorte e do seu simbolismo de maravilha.

E como as riquezas dos arquivos paroquiais vão rareando, a mesma Comissão podia dar uma vista de olhos a êsses amarellecidos pergaminhos da nossa história regional, e tirar deles as notas que julgasse mais importantes.

Do restante, se inquiria, pela confiança dos párocos, dos professores e autoridades paroquiais.

Ao cabo, estaria realizada uma obra do mais alto merecimento.

Proponho que, para a dita Comissão, sejam nomeados os srs. Capitão Mário Cardoso e Dr. Ricardo de Freitas Ribeiro.»

Apresentada a proposta à discussão, foi a mesma aprovada por unanimidade, sendo o Sr. Presidente de parecer que o proponente fizesse igualmente parte da Comissão, pela sua indiscutível competência em assuntos etnográficos, podendo ser auxiliado na recolha dos elementos de folclore pelo Sr. A. L. de Carvalho. Este aditamento foi igualmente aprovado, ficando distribuída a parte de Arqueologia ao Sr. Capitão Mário Cardoso auxiliado pelo Sr. Dr. Ricardo de Freitas Ribeiro, e da parte Etnográfica encarregado o Sr. Alberto Vieira Braga coadjuvado pelo Sr. A. L. de Carvalho.

Aos nossos assinantes

Pedimos desculpa do atraso do nosso número de hoje. Número dedicado a Sarmiento, glória desta terra, era este o dia mais justo para sua consagração.

Martins Sarmiento e o nacionalismo português

(Continuação da página 1)

regresso, suspensão. Filosófica e historicamente o conceito de *tradição* equivale a *dinamismo e continuidade*).

«O romanismo não satisfaz a curiosidade do seu espírito: ao lado da imaginação estava a inteligência e esta queria alimento mais nutritivo. Mas por falta duma orientação bem dirigida nos seus primeiros anos, vacilante e indeciso, vagueou percorrendo em leituras sucessivas, muitos ramos dos conhecimentos humanos.»

E' então que surge o historiador e o arqueólogo fazendo ressurgir o passado, o mais afastado, envólto em espesso nevoeiro.

E' a fase de Sarmiento, a última, dos estudos históricos e arqueológicos, a fase da obra científica (1874 até à sua morte em 1899).

Aqui aparece-nos o sábio, o patriota, o génio. Embora alguma parte seja discutível — não admira, pois contém algumas hipóteses (mesmo, hoje, a ciência está muito mais adiantada) — há uma parte que é indiscutível — no seu tempo até o grande Herculano o duvidava — cada vez mais confirmada. E' a tese «Os Lusitanos», que defendeu, vibrante de patriotismo, «acêrca da integridade do tronco étnico de que descendemos, constituindo uma das mais puras árvores geneológicas dos povos antigos».

E' então que Sarmiento, em defesa da tradição interrompida, se insurge contra os erros do liberalismo.

E' então que aparece o patriota puro, o nacionalista, atacando aqueles que levavam a Nação para o segundo *finis Lusitaniae* no dizer de Sarmiento.

E' então que aparece o génio, precursor do nacionalismo actual. Dos seus inéditos tiremos alguns excerptos:

— «Leio num jornal que o partido socialista dá ao republicano o nome de conservador; o republicano acoima o liberalismo monárquico de conservador, etc... De sorte que, se o republicanismo liberal conseguisse destronar o liberalismo monárquico, os actores mudavam mas a comédia humana seria a mesma.

«Quando acabarão de nos aturdir os ouvidos com palavras e fórmulas?... Toda a Nação se governa bem se tem juízo e probidade. Que ela seja monárquica ou republicana é indiferente. Se o republicanismo, caindo no meio actual de corrupção e injustiça, cuida poder reformar as causas, isso só se admitiria se o republicanismo tomasse uma atitude absolutista (ditadura), capaz de reagir contra o meio em que caísse.»

— «Eu não sou monárquico, nem republicano, nem nada do que constitue um partido político. Nem o quero ser. E a falar a verdade não creio na salvação do país pela mudança dum sistema governamental. E' possível que dentro dalguns anos todas as nações sejam republicanas; mas não é menos certo que o constitucionalismo, como sistema de transição, tem simplesmente demonstrado que a transição se não faz.»

— «A única esperança — diz certa gente — está na mudança de sistemas, de princípios. Os partidos existentes estão gastos, etc... Diz o bom-senso que mal vai ao doente, quando muda de cama. Proclamem a república e veremos como os partidos gastos, se virem esperanças de persistência, enviam falanges e legiões para a república. Deixam de ter princípios — fazem-se republicanos, e os republicanos... estamos a ouvi-los.»

Leram? — E isto escrito a 30 anos da república! E' que, espírito tam lúcido como o de Sarmiento, numa visão se bem que arrojada, lógica, previu o que aconteceria (o que só um génio o poderia fazer), com a mudança de sistemas políticos.

Nesse tempo de tam apregoados mitos já Sarmiento afirmava que a diferença não estava entre os sistemas: república ou monarquia pouco significavam. O erro



Guerreiros lusitanos

A' MARGEM

Sarmiento, como não podia deixar de ser — como patriota integérrimo que era, — foi um desses obreiros. Ricardo Severo, um dos fundadores da «Portvgália», dos que mais sentira a morte do seu camarada Sarmiento, traça, — despedindo-se, no cemitério, — o elogio de Martins Sarmiento. Dêle extraiamos:



«Homem sábio, da mais santa dedicação pela ciência nacional, viu na «Portvgália», que tenho a honra de representar, a nova força de renascimento, aplicando-se francamente em prol das tradições históricas do Povo Português;



e seduziu-o o nosso programa, que nos propomos cumprir como um destino, de trabalhar seguindo este rumo, pela grey portuguesa.»



Morreu sem deixar a monografia das citânias, que tencionava publicar em 1899 na «Portvgália»; a parca roubára-o em pleno apogeu intelectual.



A célebre lei dos três estados, revelada por Turgot, desenvolvida por Saint-Simon e definitivamente estabelecida por Comte, no seu sistema de filosofia, assinalando para toda a concepção de inteligência, para todo o ramo do saber humano as três fases características — teológica, metafísica e positiva —, encontra plena concordância na seqüência natural de Obra de Sarmiento.



A verdade é que este princípio filosófico caducou, já fez a sua época.



Hoje a espiritualidade religiosa não é considerada o despertar, o início inconsciente de percepção intelectual, mas sim o tópo, a tendência máxima das aspirações humanas, nesta geração de sacrificados, sedenta de ideal, expliando desorientada os erros do racionalismo crítico nascido no sec. XVIII;



Mas, sendo certo que a filosofia religiosa do nosso tempo, aliada ao princípio tradicionalista, reage fortemente contra o materialismo e o positivismo,

Martins Sarmiento e o nacionalismo português

estava no liberalismo, importado do estrangeiro, contrário à psicologia étnica dos portugueses.

Tudo aconteceu como o espírito evidente de Sarmiento dissera. Os partidos gastos da monarquia passaram a ser os *novos* partidos da república; a tragédia continuou a mesma; foi só com a ditadura do 28 de Maio que os princípios se salvaram.

Os republicanos históricos do post-5 de Outubro, eram os mesmos monárquicos adoladores de rainhas...

A esperança não estava na mudança de instituições, mas na moral do Estado.

Ao ver a hierarquia social ser enlameada em holocausto ao liberalismo, o espírito superior de Sarmiento sente-se profundamente abalado. «Faz tristeza ver a maneira por que a autoridade, seja qual for, é tratada no jornalismo. Desde o rei até ao cabo de polícia, não há outro tema senão a chacota mais deprimente.» — Liberdade de imprensa!

Ao estado liberal dos mitos da igualdade, da liberdade e da fraternidade, deveria opor-se o Estado da hierarquia e da responsabilidade, da ordem e disciplina, da consciência colectiva e nacionalista, continuadora da Obra ancestral da Raça.

* * *

Morre Martins Sarmiento a 9 de Agosto de 1899.

Da «Portygália», de Janeiro de 1900, transcrevemos o final do elogio a Sarmiento, da autoria do seu amigo e grande historiador nacional, filho também de Guimarães, Alberto Sampaio, com que, também finalizaremos este artigo).

«Mas pouco antes, quando a morte se debruçava sobre a fronte a dar-lhe o beijo da eterna paz, estendendo o braço emmagrecido sobre a dobra do lençol, e dispondo a mão, como se tivesse uma pena, fazia o gesto de escrever, de quem escrevia freneticamente. Que pensamentos, que tanto quis e não pôde exprimir, lhe revolveria o cérebro agonizante?»

«E assim acabou, agitado num turbilhão de ideias, sem conhecer a velhice intelectual, quem passara um quarto de século a procurar raios de luz, que iluminassem as trevas do passado.»

ANTÓNIO-LINO.

Novos assinantes

Pediram a assinatura do nosso jornal, entre outras pessoas, os seguintes operários: Manuel Magalhães, empregado fabril; Ezequiel de Sousa, padeiro; Domingos Magalhães, surrador; José Dias Pereira, empregado fabril; José Pinto de Carvalho, padeiro; Venâncio Cordeiro Mendes, cutedeiro; Sérgio Martins de Carvalho, entalhador; Artur Antunes, cutedeiro; António Seixas, empregado fabril; Domingos Ribeiro, marceneiro; Francisco Antunes e António Oliveira Gonçalves, cutedeiros; António Fernandes, empregado fabril e José Pinto Carneiro, empregado fabril de Delães.

Estes pedidos de assinatura, representam, além do auxílio material a este semanário, uma expressiva manifestação de solidariedade à nossa orientação corporativa, o que nos apraz registar.

“O Berço da Grei,”

De *O Lafonense* agradecemos e transcrevemos estas palavras de aprêço que nos dirigiu: «é mais um camarada que alinha no bom combate. Defende a ideia corporativa; defende o nosso ideal!»

Portanto, não lhe regateamos os mais sinceros desejos de uma vida de resplandecentes triunfos. E' com grande prazer que vamos estabelecer a permuta.»

Aos nossos colaboradores

Pedimos desculpa aos nossos prezados colaboradores pelo atraso da publicação dos seus apreciados artigos.

De forma alguma isto traduz menos consideração.

A abundância de original impede-nos, porém, a pontualidade da publicação.

Abade de Baçal

Recebemos do grande sábio e arqueólogo bragançano, o Rev. P.^o Francisco Manuel Alves, Abade de Baçal, uma carta felicitando o nosso jornal «de nobres aspirações evidenciadas». Sua Ex.^o, grande admirador e ilustre continuador da Obra de Sarmiento, apesar de adoentado, honra-nos hoje com a sua colaboração.

Homicídio

Na freguesia de Silvares, por motivo de ciúme, foi cometido mais um assassinato.

E' já avassaladora a onda da criminalidade que ultimamente se tem espreado por todo o concelho.

Que a firmeza do castigo, ponha cõbro a esta série de assassinatos, soprada por vento de maldição e desvairo.

A' MARGEM

não é menos certo que Sarmiento, cuja auto-educação não podia fugir à sugestão das ideias ambientes, é uma personalidade absolutamente típica, produto de evolução mental da sua época.

MÁRIO CARDOSO.



Quadro sintético da Obra de Sarmiento

- 1.^o ciclo: — o ciclo das composições poéticas — (1855).
- 2.^o ciclo: — o ciclo dos estudos literários e sociológicos — (1856-74).
- 3.^o ciclo: — o ciclo dos estudos históricos e arqueológicos — (1874-1899).

ALBERTO SAMPAIO.

Dr. Jaime Magalhães Lima

Na quinta do Eixo, Aveiro, onde vivia afastado do vozear das multidões, faleceu o dr. Jaime de Magalhães Lima, escritor e figura de apóstolo, que pela sua extrema bondade e carácter lhano, mereceu a veneração do povo.

A sua obra de elevado sentido literário, que a filosofia cristã perfuma e um são nacionalismo robustece, representa um valioso subsídio para a renovação da mentalidade nacional.

O seu último volume «O amor das cousas portuguesas e alguns que bem o serviram», encerra preciosos estudos sobre os demolidores do liberalismo — Camilo, Ramalho, Eça, etc.

Repassada de sabor nacionalista, a leitura deste livro é tonificante e substanciosa.

Além de alguns artigos sobre Martins Sarmiento, legou-nos um valioso estudo crítico sobre o historiador Alberto Sampaio.

Era sócio correspondente da Sociedade Martins Sarmiento.

O seu funeral, foi como a sua vida: cristão, modesto e sóbrio.

QUINTAS

Vendem-se as quintas de Frijão e Souto de Ribas, sitas na freguesia de Corvite, do concelho de Guimarães.

Tem casa boa de senhorio, terrenos de cultura e de mato.

Trata o solicitador Augusto Silva.

Alocução proferida pelo Presidente da Sociedade Martins Sarmiento, na Festa Escolar de 9-3-1936, aniversário do nascimento do insigne Investigador vimaranense

Ex.^{mo} Sr. Presidente da Câmara Municipal de Guimarães,
Ex.^{mas} Professoras e Professores do Ensino Primário,
Ex.^{mos} Consócios:

O esforço que a esta Colectividade vem dando, há alguns anos, a Direcção a que presido, animada apenas do desejo de «bem servir», tem sido rigorosamente orientado por uma acção persistente, cuja finalidade máxima se resume na prosperidade material da agremiação, onde tanto existe ainda para realizar, e na conservação do seu prestígio como Instituição de Cultura. Trabalho dia a dia praticado sem ostentações personalistas, como se deve cumprir um dever social, passa despercebido de alguns, indiferente para muitos. E todavia não nos acusa a consciência de falta de vontade ou quebra de conduta que obrigasse a nossa Sociedade a descer um só degrau do lugar de honra que lhe grangeou o nome ilustre e consagrado de Martins Sarmiento, lugar que por direito lhe pertence entre as primeiras Instituições Científicas do Norte do País. Nunca, apesar de tudo, faltaram á Direcção da Sociedade os estímulos necessários, a fim de prosseguir neste caminho que, intransigentemente e sem hesitações, a si própria traçou, desde a primeira hora do mandato que lhe foi confiado. Para isso lhe tem bastado a compreensão exacta das suas responsabilidades e obrigações. E o nosso maior prémio consistirá, portanto, em que do esforço voluntariamente dispendido alguma cousa fique de proveitoso e útil para a Colectividade. Assim no-lo tem ordenado imperativamente, ontem como hoje, a honrosa missão que recebemos e a história brilhantíssima desta Casa, que nos cumpre não desmover, por isso que os homens passam e esquecem depressa, e as Instituições perduram e revivem para além daqueles que as servem.

No breve espaço de quatro anos, decorridos desde 1932 até ao presente, alguma cousa de concreto já edificamos, que felizmente justifica as nossas palavras, e que temos a obrigação moral de recordar a todos quantos desejam e se regosijam com o progresso da Sociedade Martins Sarmiento. E' lícito, pois, que nesta hora festiva da Colectividade, registemos com emoção e prazer as seguintes realizações, bem compensadoras, sem dúvida, de todos os nossos esforços e sacrifícios:

— A grandiosa Comemoração do Centenário de Martins Sarmiento, em 1933.

— A inauguração solene do seu Monumento.

— A publicação do magnífico volume dos trabalhos dispersos do Arqueólogo.

— A edição monumental do volume de artigos eruditos, em sua Homenagem, que tantos elogios mereceu nos principais meios cultos europeus.

— A construção da interessante casa do guarda da Citânia, antiga aspiração do insigne Explorador daquelas ruínas.

— A continuação das obras do edifício da nossa sede social, interrompidas há mais de 28 anos.

— A obtenção da planta geral e alçados dessas obras, canceloso trabalho realizado gratuitamente pelo Artista consagrado e nosso Sócio Honorário sr. José Marques da Silva.

— As importantes obras de restauro escrupulosamente dirigidas pela Sociedade na Citânia de Briteiros, onde, apenas em cinco meses de trabalho, se ergueram para cima de mil metros de extensão da primitiva muralha derruída.

— A publicação da 1.^a Parte do Catálogo Geral dos nossos Museus.

— A renovação do Contrato com a Ex.^{ma} Câmara Municipal, em magníficas condições para os interesses desta Sociedade.

— A regularização e boa administração das propriedades rústicas da Colectividade, estabelecendo-se para todas elas rendas fixas, a dinheiro firmadas em contrato notarial.

— A cedência ao Estado do terreno necessário que permitiu a ligação da estrada da Citânia directamente a Braga, facilitando-se o acesso áquelas ruínas, que ultimamente têm tido uma afluência de visitantes verdadeiramente excepcional.

— A beneficiação de um velho prédio sito na Rua 31 de Janeiro, o qual por morte de D. Maria Sarmiento a Colectividade herdou, e transformou numa boa casa de habitação.

— A isenção do pagamento do imposto sobre doações devido ao Estado pelo prédio do Largo de Martins Sarmiento, cuja transmissão importava em mais de 10.000 escudos.

— A renovação completa da péssima e arruinada instalação eléctrica da nossa sede, que ameaça eminente perigo de incêndio e cujos prejuízos podiam ser irremediáveis.

— A publicação de uma interessante colecção de ilustrações e de

vários folhetos de propaganda e vulgarização dos nossos Museus e das ruínas da Citânia.

Tudo isto tem sido inalteravelmente levado a efeito, não sem contrariedades e canseiras, é certo, porque elas surgem sempre a quem trabalha com honestidade, mas nem por isso com menos seqüência, obedecendo a um programa de realizações pre-estabelecido, e sem que, por outro lado se haja descurado a missão da Sociedade no campo puramente espiritual. Dentro desta missão foram levadas a efeito algumas notáveis Conferências, dissertando o Arqueólogo Sr. P. Eugénio Jalhay, o Prof. Sr. Dr. Mendes Correia, o Compositor musical Armando Leça, a Educadora D. Emilia de Sousa Costa, o Aviador transoceânico Tenente Humberto Cruz, o Colonial Sr. Comandante José Tôres, e finalmente o Pensador Leonardo Coimbra, que nesta Casa desferiu o maravilhoso canto do cisne da sua poderosa eloqüência, pois aqui pronunciou o seu último e admirável discurso. Para a memória dêsse fecundo talento, trágicamente arrebatado à vida, vai o preito do nosso maior respeito e saúde. No corrente ano realizaremos uma Sessão de homenagem a Gil Vicente, o grande iniciador do teatro português, e bem assim, Conferências sobre a vida e obra do Escritor Raúl Brandão e do Musicógrafo Moreira de Sá, nas quais possivelmente usarão da palavra Afonso Lopes Vieira, Aquilino Ribeiro e Aarão de Lacerda.

Nesta Sociedade recebemos condignamente a excursão de intelectuais espanhóis, do Seminário de Estudos Galegos, de Santiago de Compostela, que em Abril do ano findo, nos honraram com a sua visita.

Temos mantido sempre, finalmente, nos domínios do espírito, um activo intercâmbio com muitas Instituições congêneres, nacionais e estrangeiras.

Em vias de realização ou deferimento podemos mencionar ainda, dentro das finalidades do nosso programa de trabalho:

— O pedido feito para a participação do Estado nas obras da nossa sede, orçamentadas em cerca de 500 contos.

— O pedido ao Estado para a isenção definitiva do pagamento de contribuição predial, visto a Sociedade ser uma Instituição oficialmente considerada de Utilidade Pública.

— A ordenação da Secção de Prê-história do Museu, sob um critério científico, e a próxima publicação do respectivo Catálogo, cujos verbetes já se encontram elaborados.

— A instalação conveniente das Secções de «Numismática» e de «Arte e Etnografia moderna.»

— A conclusão do inventário geral da nossa Biblioteca Pública que dentro do corrente ano ficará ultimado.

— A ligação directa por estrada de Briteiros a Sabroso, já em estudo na Direcção das Estradas do Distrito, melhoramento que muito facilitará ao turista a visita imediata e sucessiva ás duas notáveis ruínas.

— O pedido para a isenção de franquia postal na correspondência da Sociedade.

— O pedido insistentemente feito á Direcção dos Monumentos Nacionais para a instalação de água canalizada na casa do guarda da Citânia.

Finalmente,

A publicação dos Manuscritos inéditos do Martins Sarmiento e a ordenação, a que já se anda procedendo, dos de Albano Belino e Abade de Tagilde.

Poderia, talvez, fazer-se mais e melhor no período já decorrido da nossa gerência. Talvez. Mas ninguém o realizaria com maior boa vontade de acertar, nem de honestamente servir a Instituição, que é o mais legítimo orgulho da nossa terra. Oxalá, todavia, que, em mãos de maior competência do que as nossas, ela chegué um dia a atingir uma perfeição modelar em todos os departamentos da sua actividade, para honra de Guimarães e do País.

Senhor Presidente da Câmara Municipal: Perdoe-me V. Ex.^a o fastidioso, embora sumário, relato que acabo de fazer dos nossos trabalhos, mas a V. Ex.^a, como ilustre representante do Município vimaranense, perante o qual, pela letra de um contrato, temos obrigações a cumprir — mais do que a quem quer nos julgávamos no dever de patentear, sem vaidades, mas como quem dá contas dos seus actos, esta modesta fôlha de serviços prestados á nossa muito querida Sociedade Martins Sarmiento.

Com o apoio de V. Ex.^a, cuja comparência á nossa Festa anual profundamente agradecemos,

(Continua na página 10)

C O R P O R A T I V I S M O

Sindicato N. dos Operários Têxteis

Na sede deste organismo corporativo, sito à Rua Elias Garcia, tomaram posse no pretérito sabado os novos corpos directivos para o ano corrente, aprovados por Sua Ex.^a o Sub-Secretário do Estado das Corporações e Previdência, tendo ficado os cargos assim distribuídos: presidente, António T. Leiras; secretário, Manuel Magalhães; tesoureiro Domingos Pereira; vogais, José Teixeira e Armindo Gonçalves; suplentes, Francisco S. Formiga, Jerónimo Alves e José Martins.

Em seguida realizou-se a sessão ordinária presidida pelo Sr. António T. Leiras.

Deliberou dar andamento a um officio enviado pela Delegação do Instituto N. de Trabalho em Braga, sobre um requerimento da Fábrica do Moinho do Buraco, Pevidem, de Francisco Inácio da Cunha Guimarães, pedindo autorização para que as suas operárias Beatriz Pinheiro, Maria Rodrigues e Almerinda, trabalhem com umas ordideiras mais quatro, em virtude de ter havido uma avaria nas suas máquinas.

Decidiu também enviar um officio à Companhia de Fiação e Tecidos de Guimarães, a fim da Ex.^{ma} Gerência desta fábrica chamar a atenção do seu guarda-portão para o embargo que procurou pôr á entrada da direcção deste Sindicato, quando na semana passada se dirigiu àquella fábrica em serviço official.

Por fim, tomou conhecimento de diversas queixas apresentadas neste Sindicato por alguns associados sobre transgressões de horários nas seguintes fábricas:

Fábrica de Tecidos da Cruz de Pedra, L.^{da}, quasi diariamente trabalha com uma secção de caneleiros mais uma hora da parte de manhã; Fábrica de Fiação e Tecidos da Madroa, em que diariamente trabalha com 8 mulheres fora do seu horário habitual; Fábrica de tecidos do Vau, situada na freguesia de Lordelo, que todos os dias trabalha 10 e 11 horas com todo o seu pessoal; Fábrica Têxtil de Vizela, situada nas Zenhas de Baixo, freguesia de Moreira de Cónegos, que quasi todos os dias trabalha 9 horas com os seus dois turnos de Fiação, com a agravante de ter intimado o seu pessoal a afirmar a qualquer fiscalização que lá fôsse que trabalha 8 horas muito certinhas...

Registou também a queixa contra a firma Luiz Nogueira do Lugar do Alto da Ribeira, Lor-

Sarmento—Corporativista

Embora muita gente julgue o corporativismo como fruto de nossos dias, a história diz-nos o contrário: êle perde-se na bruma dos séculos.

Guimarães já foi um dos grandes centros corporativos na grande Idade-Média, que historiadores sem escrúpulos tentam deturpar. Oh! Idade Média dos municípios e dos forais, dos sindicatos, da consciência colectiva, das artes e das ciências, das **Catedrais** e das **Universidades**, como tu és atacada, por quem, talvez, nunca estudasse a tua Verdade Histórica!

No caos do liberalismo um grupo de Homens—Garrett, Herculano, Antero; Rocha Peixoto, Estácio da Veiga, Ricardo Severo; Silva Gaio, Afonso Lopes Vieira; Martins Sarmento e Alberto Sampaio—«se meteu à empresa penosa de restaurar a alma da Pátria, voltando á senda esquecida da sua tradição.»

São estes Homens, os percursores da restauração do corporativismo português, e com êles Martins Sarmento.

De toda a sua obra é esta a mais ignorada: a obra corporativa de Sarmento.

Que obra foi essa?
Foi a criação da **Associação dos Lavradores**.

Espécie de sociedade de socorros mútuos rural, corporação de todos os lavradores do concelho, «fazendo dessa massa anónima de pequenos lavradores, sem força nem representação, um grémio, feixe de vimes unidos, que defendesse com a faci-

delo, em que diariamente se irrinje o seu horário de trabalho.

Resolveu tomar providências enérgicas contra semelhantes abusos, a fim de que tais casos se não tornem a repetir.

Foi marcada nova reunião para o próximo sabado à mesma hora.

ACORDO COLECTIVO

A comissão patronal, incumbida, por proposta que o industrial Domingos Francisco da Silva formulou na reunião de 23 do mês pretérito, na Associação Commercial, da elaboração do acôrdo

lidade, própria de sua força colectiva, seus associados, fôsse quem fôsse, que os prejudicasse.

«Os políticos que occultaram um **NÃO** claro por deferência ao fundador, deixaram-nô morrer de boa vontade.

Sarmento, falava a miude na sua pobre associação, morta pela guerra surda e pelo desamparo do liberalismo capitalista.

O bom povo de Guimarães sempre votara a Sarmento a sua gratidão; fôra a única consolação que recebera. Essa lhe bastou.

Insurge-se Sarmento contra *utopistas* dum município *utópico*, fruto das maiorias, que, regra geral, são imbecis; o município medieval, onde entrou a representação das corporações e das elites directivas, sem eleições mas ou por mandato dum governo central ou por natureza, fôra abafado pelo liberalismo. Daí a nulidade de tais municípios.

«—Dize-nos utopistas que o município será o redentor. Mas por enquanto o município sofre da depressão geral.

«O cargo de vereador é procurado pelos ineptos e interesseiros, e evitado por todo o homem sério e honesto. Para lá entrar um desta categoria é preciso apanhá-lo a laço, ou obedecer a intuitos de ambição e de política, que se revelam dentro em pouco.»

Palavras que se coadunavam ainda num passado bem chegado a nós; hoje, o Corporativismo Nacional reintegrou os municípios no seu legítimo papel:—o bem colectivo dum povo.

ANTÓNIO PEDRAS.

colectivo entre patrões e operários da indústria de cutelaria, é composta pelos srs. Joaquim Ribeiro Moura, Manuel Machado e J. F. Carvalho.

A tabela de preços da mão de obra, elaborada pela direcção do Sindicato, já foi entregue à comissão de patrões, como se afirma noutro lugar.

Da parte de industriais e operários, há o maior desejo de uma justa conciliação de interesses.

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Sindicato N. dos Operários da Indústria de Cutelaria

No dia 27 de Fevereiro reuniu a Direcção deste Sindicato sob a presidência do sr. António Cunha.

Aberta a sessão foi proposto e aprovado officiar a alguns industriais de cutelaria da vizinha povoação das Taipas, chamando a sua atenção para o rigoroso cumprimento da lei do horário do trabalho. Por proposta do sr. Presidente foi resolvido mandar imprimir 300 exemplares dos Estatutos.

A Direcção deste Sindicato congratulou-se pela forma como os srs. industriais receberam o ex.^{mo} sr. Delegado do I. N. T. P., por ocasião da reunião do dia 24 de Fevereiro para elaboração do acôrdo colectivo de trabalho, resolvendo entregar a tabela de preços que em tempos elaborou e que lhe foi pedida pelos srs. industriais, para o estudo ao referido acôrdo.

Mas foi resolvido pedir a assitura do jornal *Correio do Minho*.

Sindicato N. dos Op. de Curtumes

Sob a presidência de Herculano Pereira, secretariado por Alberto da Silva Oliveira Salgado, estando presentes Rodrigo Magalhães e Manuel Cardoso, respectivamente tesoureiro e vogal, reuniu a direcção do Sindicato de Curtumes.

Aprovada a acta anterior, resolveu incumbir o sr. Manuel Cardoso, de se avistar com o sr. dr. Henrique Cabral, para estudo dos meios de repressão contra infracções do horário de trabalho, cometidas por alguns industriais.

Resolveu também modificar as letras de três bandeiras.

Sindicato dos Empregados de Comércio — Secção de Guimarães

A direcção deste organismo corporativo ficou constituído pelos srs. Humberto Guimarães Pinheiro, presidente; Amílcar de Sousa, secretário e Salustiano de Abreu Lopes, tesoureiro.

Felicita-mos a assembleia geral desta colectividade pela criteriosa escolha dos seus novos dirigentes.

Activos e empreendedores, todos êles possuem as qualidades exigidas para a espinhosa gerência de um Sindicato.

Aos nossos amigos, sinceros parabens.

C O R P O R A T I V I S M O

Não é uma carta...

Com a maior atenção, tenho seguido a campanha doutrinária que um amigo íntimo, membro da Direcção do Sindicato dos Operários da Indústria Têxtil, aqui vem desenvolvendo no sentido de fazer compreender a certos operários do nosso mister, todos os benefícios que hoje nos concede o Estado Corporativo.

Concordo plenamente na necessidade de se fazer propaganda elucidativa sobre a organização corporativa actual àqueles que inteiramente a desconhecem — no sentido de fazer conhecer os benefícios que hoje a lei nos faculta.

Para se conseguir tais vantagens é necessário uma cousa: a sindicalização, o que representa a adesão ao Estado Novo Corporativo.

Na tua acção doutrinária há duas contrariedades que diminuam a sua eficácia e podem arrefecer o teu entusiasmo de propagandista do corporativismo.

E sabes porquê?

Primeira — é que todos aqueles, que hoje não se encontram filiados no Sindicato, não te ouvem, não escutam as tuas boas palavras, porque não lêem e até desconhecem o nosso jornal.

Aqueles que como eu te ouvem e escutam, desde há longo tempo estão sindicalizados.

A segunda — é que certos patrões — com excepção para os de Guimarães — proíbem a filiação do seu pessoal no Sindicato — sem motivo que justifique tal procedimento.

Tenho acompanhado atentamente o trabalho insano e persistente que tendes desenvolvido para a formação de uma secção do nosso Sindicato em Delães, Riba d'Ave, Famalicão e com a máxima atenção reparo no trabalho destrutivo dos patrões daquela localidade, no sentido de extinguirem rapidamente toda a vida que procurais dar a essa futura secção do Sindicato.

Também tenho constatado que o povo daquelas freguesias anseia de mãos erguidas por esta organização, para ver se se livra de uma certa servidão a que estão submetidos.

Se esta esperança amanhã for uma realidade talvez a parte patronal proíba a sindicalização, indicando o caminho da rua se esta ordem não se cumprir. Se tal facto se realizar os operários ficarão inibidos de poderem gozar todas as reivindicações que

(Continua na coluna lateral direita)

Alguns apontamentos sobre o Corporativismo em Portugal

II

O que foge ao trabalho foge ao dever social, diziamos nós. E assim é, porque, em verdade, o trabalho não pode só ser considerado — como o era pelo demoliberalismo — como um simples meio de conquistar o prazer e o conforto, embora, evidentemente dê direito a determinado prazer, a determinado conforto.

Daqui a fixação do salário não poder ser resultante duma acção unilateral, quer por parte do patrão, quer por parte do operário, mas antes, uma consequência lógica da organização profissional, da sua técnica e das condições económicas da produção, porque o trabalho, pertencendo embora ao indivíduo não pertence menos à colectividade e é por tal que nenhuma classe ou categoria de trabalhador tem o direito de explorar a outra em seu proveito.

Ao Estado cumpria, pois, como organização suprema da Nação, fazer o ajuste equilibrado de todas as energias, de forma a poder defender-se disciplinando de alto a baixo a organização social com a ordem, a dedicação e o respeito que em todos deve haver pelas conveniências nacionais.

Já o afirmava um escritor nacionalista contemporâneo (1):

«Todo o que nega o trabalho deve ser tido como rebelde. Pegar em armas ou atirar ferramentas para o lado, em detrimento da Nação, são crimes da mesma natureza. A guerra de classes é tão repugnante como a guerra civil; tem todas as suas características bestiais e a mais destas, a hipocrisia.

Foi para a evitarmos, para pormos còbro a um quadro desolador que tudo ameaçava levar de vencida, que achamos no

(1) Dr. Fernando Garcia — «Nacionalismo».

MAIS ALÉM

O primeiro objectivo da ordem corporativa está atingido: a integração da massa operária na nova orgânica, excedeu todas as expectativas.

Os Sindicatos aumentam e o número dos seus filiados cresce sem interrupção.

Para que a cúpula do novo

corporativismo a fórmula melhor.

Com Salazar podemos dizer:

«Sob o Sindicato toda a produção pode ser organizada para conhecimento das suas possibilidades, estudo dos seus problemas, regularização dos seus movimentos, conselho justo da actividade governativa. Mais: a extensão do princípio sindicalista a todos os interesses intellectuais ou morais da Nação permite a perfeita organização desta e a sua incorporação no Estado — não a sua confusão sobre uma base de realismo e de verdade a que não pode aspirar o que ainda hoje se chama a representação nacional.»

Conseguindo-o, no entanto, não fomos copiar a estranhos aquilo que nunca tivemos.

Já Esteves Pereira, no começo deste século, citando Acúrcio das Neves, afirmava:

«As corporações gremiais em Portugal foram sempre em menor número que as dos outros países, mas menos gravosas pela sua natureza, como já o notaram os nossos escritores, afirmando alguns que elas eram governadas por leis bem mais sábias do que as suas congéneres do resto da Europa.»

E acrescentava:

«Alguns preceitos tinham, contudo (as nossas corporações de artes e officios), que hoje se não compreendem, mas que à história e à sociologia resta ainda decidir se eram bons ou maus. A reversão às antigas corporações, adaptando o seu sistema ao espírito moderno parece que será a melhor garantia de paz social.»

Isto afirmava-se nos começos do século XX, a quasi 30 anos da Revolução Nacional.

Temos, pois, como se vê destas afirmações, uma tradição corporativista.

OSCAR PAXECO.

Não é uma carta...

o Estado Corporativo concede ao operariado de Portugal.

Quasi todas as fábricas ali existentes trabalham 10, 12 e 13 horas por dia. Se a lei corporativa ali se fizer cumprir — que é trabalhar 8 horas por dia, como nas fábricas de Guimarães — essa barbaridade imediatamente finalizará.

Mas se um dia chegardes a inaugurar naquella localidade uma secção do vosso Sindicato, tereis conseguido uma grande vitória.

O mais pitoresco de tudo isto é que esses que mais combatem a organização corporativa são membros da U. N.

Mas com estas palavras não desmereças nem desanimés da campanha doutrinária a que estás procedendo sobre a sindicalização do operariado; nem tampouco desanimés pela frieza e hostilidade com que alguns patrões vos têm recebido.

Não deixes perder o já desenvolvido.

Continuai a singrar com a mesma fé, o mesmo entusiasmo como até aqui; eles mais tarde reconhecerão que só tendes trabalhado para o nosso bem para o bem deles e sobretudo para o bem do Estado Novo Corporativo.

Não te parece?

XICOMIGA.

Vimaranenses, preferi os trabalhadores da nossa terra!

Cumpré aos vimaranenses proteger os operários seus conterrâneos. Ao Município pede-se o exemplo.

Nada justifica que optasse pelos marceneiros de outra localidade para a execução do candelabro que se encontra no átrio do edificio da Câmara, quando em Guimarães há neste mister operários muito hábeis.

Preferência aos trabalhadores de Guimarães!

mem das Corporações, é hoje o ministro do Comércio e Indústria.

A sua vontade é forte; o Estado Nacional de Trabalho continua a ser o seu guia. Tenhamos confiança.

A batalha vai prosseguir com mais alma.

A Revolução continua.

edificio social, representada pelos contratos colectivos, assente nas duas colunas. Grémios patronais e Sindicatos operários, resta apenas que aqueles se formem, pois os últimos já chamaram bem alto: presente!

Neste capítulo, organização patronal, vai dar-se um passo agigantado.

O dr. Pedro Teotónio, o Ho-

Alocução proferida pelo Presidente da Sociedade Martins Sarmento

(Continuação da página 5)

com o auxílio de todos os nossos Consócios e dos vimaranenses honestos que rejubilam com a prosperidade das suas Instituições mais queridas, continuaremos até final esta árdua tarefa que nos impuzemos, e que ainda exige muito esforço e persistência.

Aos srs. professores do Ensino Primário, que mais uma vez nos honram hoje com a sua presença, mostrando-se dêste modo perfeitamente identificados com o alto e nobre pensamento, sob cujos desígnios esta Instituição foi criada há 54 anos — dirigimos, em nome da Sociedade Martins Sarmento, as mais cordiais saudações e parabéns pelo magnífico êxito do seu incansável esforço na dura campanha, dia a dia mais intensa e árdua, contra o analfabetismo, êsse mal antigo que é necessário extinguir de vez, para dignidade de um País europeu, que já caminhou na vanguarda da civilização do Mundo.

Para os pequeninos que pela mão amiga de seus Mestres hoje aqui vieram também lembrar carinhosamente a data do nascimento do nosso glorioso Conterâneo, Patrono desta Casa, e receber um expressivo, embora modesto prémio da sua aplicação ao estudo — vão os nossos mais sinceros e jubilosos incitamentos e louvores.

CORPORATIVISMO

A Secção de Delâis

Lavra, nas colmeias operárias da nossa terra, o entusiasmo pela ideia corporativa.

Surgem os primeiros trabalhadores que com denodo e galhardia se batem pelo triunfo da nova causa. E' justa, é humana, é legal, é acima de tudo, nobre e conciliadora.

Os operários dão o exemplo; que os patrões reconsiderem nesta lição edificante.

Não seja a ânsia absorvente do lucro a única preocupação do capital.

Impedir o avanço da onda, é remar contra a maré.

Que ninguém se aponha à fundação da secção de Delâis. E' a vontade do operariado daquela localidade que anseia a sua sindicalização. Desta vez não triunfará a hostilidade cega, que tantas tentativas tem frustrado.

Dois minutos de reflexão, srs patrões!

A secção a fundar é um núcleo de espírito conciliador, agindo com o desejo manifesto da instauração da nova ordem corporativa que Salazar traçou.

A'vante pela secção de Delâis!

SARMENTO

HISTORIADOR E ARQUEÓLOGO

(Continuação da página 7)

Formado por um grupo de tribus, pertencentes à migração árica, que primeiro penetrou na Europa, completamente livre do contacto dos celtas, que vieram lançar sôbre a etnografia do ocidente uma confusão deplorável, **êste povo manteve-se no noroeste da Espanha com a sua velha língua, os seus velhos costumes, a sua velha civilização emfim, até à conquista romana (até mesmo depois da conquista romana: depois da tomada da Citânia a arquitectura, etc. continua a mesma — «donde se conclue que a civilização romana, ou não quiz, ou não pôde quebrar a rotina da civilização anterior, e que, se a Lusitânia é etnologicamente um terreno privilegiado, arqueologicamente não o é menos, principalmente ao norte).**

As diferentes revoluções porque passou a Lusitânia, não alteraram em nada o carácter das suas populações.

Mas seja como fôr, nem a migração ligúrica das ilhas para a Espanha, nem a mistura de galegos e lusitanos, altera em nada a etnologia da Lusitânia antiga, pois que lusitanos, galegos, astures e cantabros, são povos da mesma raça, com os mesmos usos e costumes: Strabão é expresso.

MARTINS SARMENTO.

CLARAMENTE

Nunca deixamos de assumir as nossas responsabilidades. Por isso assinamos o presente artigo.

A secção «Recortes & Comentários» de que estamos encarregados dá em parte aquela resposta que julgamos suficiente aos dois *suellos* e ao artigo «A' Margem...» que o *Noticias de Guimarães* publicou no seu número de 1 do corrente.

Aqui queremos unicamente devolver ao autor a série de insultos com que pretendeu atingir-nos, não julgando, talvez, a autoria do *suelto* «Queríamos saber» publicado na secção «A' Margem», dêste jornal, e que habitualmente é redigida por outras pessoas.

Não foi também para essa secção que escrevemos êsse nosso *suelto*. Na Redacção incluíram ali; mas nem por isso a responsabilidade cabe a essas pessoas. Assumimo-la, inteiramente, tanto mais que ao redigir «Queríamos saber» não foi com os intuitos que o anónimo do *Noticias de Guimarães*, nos pretende atribuir.

Creia o *Noticias de Guimarães* que se quisessemos tomar iniciativas de repressão aos seus processos jornalísticos, não viriamos à Imprensa a combater as suas encobertas campanhas.

Não! Conhecemos muito bem

o caminho que haveríamos de seguir e o *Noticias de Guimarães* teria de sofrer as conseqüências legais do seu modo de escrever.

Mas, não! Pelo menos por agora.

E isto que dizemos não é uma ameaça.

E' tam sòmente um aviso — que julgamos ser o segundo — mas que é o último.

Quem escreve na Imprensa tem obrigação de ser superior aos seus nervos e antes de usar da pena como qualquer regateira desbocada usa da língua desmedida, deve pesar bem todo o valor das palavras que vai empregar.

Ignoramos por completo se alguma cousa se trama contra o *Noticias de Guimarães* a propósito da sua actuação jornalística. Mas anotamos a sua confissão:

O *Noticias de Guimarães* conscientemente, pela pena do seu anónimo colaborador, receia por essa actuação.

Tanto basta a justificar o nosso *suelto*.

Isto nos basta; isto claramente demonstra que não erramos na pergunta que no penúltimo número fizemos.

EUGÉNIO VAZ VIEIRA.

Pela Câmara

Sessão de 5 de Março de 1936

Requerimentos:

Da Comissão Fabriqueira do Culto Católico, da freguesia de Leitões, para serem feitas as reparações dos muros, passadiços e vedação dos terrenos do Pással, cortados pela estrada, conforme a aprovação em sessão de 27 de Dezenbro de 1934. — Volte com a estimativa do custo das obras.

— De Maria de Oliveira Matos Pinto Bastos, viúva, proprietária, da Avenida Cândido dos Reis, desta cidade, para lhe ser concedido alvará sanitário para uma possilga, nos termos da Portaria n.º 6.065. — Organize-se o processo.

— De Francisco António, casado, do lugar da Igreja, freguesia de Urgez, para construir cinco pequenas casas, conforme a planta junta, no lugar do Monte de S. Roque, freguesia da Costa, dêste concelho. — Deferido, devendo a Rep. Técnica dar o alinhamento.

— De Maria Rosa dos Santos, casada, do lugar de S. Martinho, freguesia de Barco, pedindo um subsídio de lactação para um seu filho de tenra idade. — Concedido o subsídio de 15\$00 mensais.

— De Maria Ferreira, casada, do lugar de Ferreiros, freguesia de S. Lourenço de Sande, pedindo um subsídio para ajuda de fazer tratamento à vista em um hospital de Braga. — Concedido o subsídio de 30\$00.

— Deliberou adquirir dois pratos de cobre para o Museu Alberto Sampaio, sendo um gótico e outro da renascença.

— Foi concedido um subsídio de 500\$00 à freguesia de S. Lourenço de Sande para reparação do cemitério.

— Foi aprovado um voto de louvor ao Sr. Dr. Joaquim de Barros, inspector de Sanidade pecuária pelos relevantes serviços que gratuitamente tem desempenhado na direcção do laboratório de análises municipal.

— Foi aprovado o projecto de empedramento da estrada do Pevidem, resolvendo-se pedir a comparticipação do Estado pelo Fundo dos Melhoramentos rurais, para a sua execução.

Dignos de lástima

O *Noticias de Guimarães* publica mentiras e faz insinuações. A Câmara manda uma nota officiosa rectificando.

E os homens vangloriam e regosijam-se por receberem dinheiro pela publicação da «nota officiosa» que desfez mentiras e insinuações. Dignos de lástima...

DA CIDADADE

SOCIEDADE

ANIVERSÁRIOS:

Durante a semana que findou fizeram anos os Ex.^{mos} Srs.:

Dia 1 — D. Adelaide S. Monteiro de Meira.

Dia 2 — D. Maria de Sousa Pereira.

Dia 3 — D. Emilia Leite de Faria.

Dia 4 — D. Joana F. L. Correia da Almada (Azenha).

Dia 5 — Manuel Augusto Brandão Saraiva de Carvalho.

Dia 6 — D. Delmira A. de Sousa Queiroz, João Paulo de Melo Mexira e Casimiro Martins Fernandes.

Dia 7 — D. Jesofina Breão Costa e D. Maria Amélia de Almeida.

Fazem anos na próxima semana os Ex.^{mos} Srs.:

Dia 8 — D. Maria das Dores Teixeira de Aguiar Barbosa.

Dia 9 — António Lino da Veiga Ferreira Pedras e D. Maria Fernanda Neves de Castro Sousa Dias.

Dia 12 — D. Maria José Dias Queiroz.

PARTIDAS E CHEGADAS:

Para Bragança partiu no passado dia 26 de Fevereiro o nosso prezado assinante e amigo Ex.^{mo} Sr. Capitão Joaquim Ferreira Pedras.

— Partiu para Lisboa o Ex.^{mo} Sr. João António de Sampaio, empregado superior da Companhia de Fiação e Tecidos de Guimarães.

Desejamos-lhe boa viagem.

— A retomar os seus estudos, partiu para Braga o nosso prezado amigo e Editor Sr. António Lino da Veiga Ferreira Pedras.

Conferência de S. Vicente de Paulo (Homens)

Esta simpática instituição de Caridade, que funciona nesta cidade acêrca de 70 anos, resolveu levar a efeito no próximo dia 15 do corrente, a Comunhão Pascal dos seus pobres socorridos e confrades activos, com o seguinte programa: no dia 13 pelas 18 horas, uma prática preparatória para todos, e no dia 15 pelas 8 e meia horas Missa, Prática, Comunhão Pascal, Bênção do S. Sacramento e distribuição de 1 borôa de pão a cada um dos seus pobres socorridos.

Estas cerimónias realizar-se-ão na Capela da Irmandade de S. Crispim.

VIDA CATOLICA

2.º Domingo da Quaresma

A CANANEIA

Envangelho:

E saindo dali Jesus, retirou-se para os lados de Tiro e de Sidónia. E logo uma mulher cananeaia saindo daqueles confins, chamou, dizendo-lhe: «compadece-te de mim, Senhor, filho de David; minha filha está muito atormentada do demónio», Mas êle não lhe respondeu palavra.

E chegando-se os seus discípulos o rogavam, dizendo: «despacha-a, porque vem gritando a traz de nós». Ele porém respondendo, disse: «Não fui enviado senão às ovelhas que pereceram da casa de Israel». Mas ella veio e o adorou dizendo: «Senhor, vale-me». E êle respondendo disse: «Não é bom tomar o pão dos filhos e lançá-lo aos cães». Porém ella replicou: «Assim é, Senhor; mas também os cachorrinhos comem das migalhas que caem da mesa dos seus donos». Então respondendo Jesus lhe disse: «O' mulher, grande é a tua fé; faça-te contigo como queres». E ficou sã a sua filha desde aquela hora.

S. MATEUS, XV, 21-28.

Considerações:

Para salvar a vida é Jesus obrigado a abandonar a sua ingrata pátria. Não esta a única vez que sofreu o exílio. Sua pátria expulsou-o, mas êle fica-lhe fiel.

Jesus aproxima-se dos pagãos que brevemente deve chamar à graça do Envangelho.

A cananeaia aos pés de Jesus é o mundo pagão implorando a sua liberdade e suplicando ao Salvador que quebre finalmente as cadeias de Satanaz.

Apesar de pagã, esta mulher reconhece em Jesus o Messias, o Salvador esperado pelo mundo inteiro.

Boa mãe, identifica-se com sua filha, apropria-se dos seus sofrimentos.

Para os pais cristãos é uma dor imensa, dor a nenhuma outra comparável, verem a alma de seus filhos, sob o poder do demónio; por isso, devem envidar todos os esforços para os desviarem desse miserável estado, recorrendo principalmente à oração.

O coração tão compassivo de Jesus aparece-nos aqui duro e insensível; a fonte das graças parece esgotada, o médico celeste enjeita seus enfermos e recusa-se a curá-los, diz S. João Crisóstomo. A bondade inafável do Senhor vamente se oculta sob a máscara dessa dureza aparente; mas não nos deixemos iludir; se parece não nos ouvir, é para mais excitar a nossa fé, a nossa confiança, o nosso fervor, para melhor nos fazer apreciar os benefícios que nos destina.

Como os discípulos, pedindo a Jesus despachasse esta mulher, concedendo-lhe a graça que desejava, oremos uns pelos outros; mas não os devemos imitar no motivo pelo qual reforçaram o pedido da cananeaia — verem-se livres dela —; as preces dos infelizes não nos devem ser importunas.

Admiremos ainda a perseverança e o fervor da oração da cananeaia; repelida, não desanima, continua a pedir, gritando.

Miseráveis pecadores que somos na presença da santidade de Deus, humilhem-nos e reconheçamos a nossa indignidade.

A cananeaia pede só as migalhas destinadas aos cachorrinhos. Entre os homens é preciso pedir muito para receber pouco ou nada. Não assim com Jesus Cristo. A humildade que se abate e se conhece indigna de nada receber alcança muito.

A cananeaia é repelida por Jesus; e ella agarra-se cada vez mais obstinadamente ao Salvador, não o deixando sem obter o pedido.

A nós, ao contrário, vem o próprio Jesus oferecer-nos os seus dons, pedindo-nos que os aceitemos e nós respeitamo-los com desprêzo!

PATROCINADO PELA UNIÃO NACIONAL

ABASTECIMENTO DE ÁGUAS À CIDADE

Encontra-se entre nós um engenheiro que está procedendo activamente aos trabalhos de campo para o abastecimento de águas à cidade.

“Noticias de Guimarães”

Por mais que se remexa naquela montureira, não se descortina um argumento limpo.

Insultos, insultos, mais insultos, eis o processo.

Pela linguagem que usam aqui-lata-se o valor daquela gente.

Argumentar com decência, compostura e aprumo moral, não é para êles.

Em face disto, tomaram a attitude mais aconselhável: resolveram não responder.

Ainda bem que tiveram um rebate de consciência. Conforme se estavam a conduzir, cada vez se emporcalhavam mais.

Depois, como lavar tanta no-doa?

Reflexões

Nesta hora tôrva da política internacional, em que um vento de desvaio agita os povos em vagas de insensatez, Portugal é um exemplo de disciplina, ordem, bom-senso e acção renovadora, pacífica e ordeira.

Muitos portuguezinhos há, cegos pela paixão política, que não aceitam esta rejuvilante verdade.

Em consequência, os estrangeiros, vendo o mundo, não através de tapanhos postigos, mas elevados postos de observação, são os primeiros a reconhecerem esta verdade evidente.

Ainda na semana passada, o pôsto Rádio-Paris, antecedeu a emissão para todo o mundo de alguns passos do discurso pronunciado por Salazar ante os membros da Assembleia Nacional, com estas palavras: «uma nota de reconfortante equilíbrio e senso político no desvaio em que o mundo anda».

Contra isto, surge logo o estafado e imbecil argumento: isso foi bem pago!

Quando é, como sói dizer-se, que estes pobres diabos metem a mão na consciência?

CARTA DE LISBOA

Discurso notável

A Assembleia Nacional, que encerrou há dias os seus trabalhos, foi visitada na véspera pelo sr. Presidente do Conselho, que quis agradecer pessoalmente a todos os membros da representação nacional «a colaboração amiga, sincera e lealíssima», prestada ao governo na sessão finda, «pela inteligência, pela serenidade e pela elevação com que exerceram as suas funções».

Mas Sua Ex.^a não quis perder a oportunidade de falar também ao país, nesse discurso notável, dirigido aos seus representantes, para focar, com o seu costumeado desassombro e a sua clareza habitual, alguns dos problemas mais graves, que prendem, neste momento, a atenção universal.

Tirou deles, como sempre, a lição mais oportuna e real e deu-nos, a seu propósito, algumas ideias justas e a certeza de que a nós, os portugueses, só indirectamente pode interessar a discussão sobre os mandatos coloniais e não nos deve afligir demasiado, como acontece a tantos amigos... do diabo e aos seus correlegionários do «revirinho» que vençam as direitas ou as esquerdas neste ou naquele país ou que qualquer nação saia ou não vitoriosa nesta ou naquela empresa.

«A hora é sempre nossa, afirmou Sua Ex.^a, porque queremos que seja nossa.»

Não nos interessa, pois, a vitória das esquerdas espanholas nem isso, com a nossa defesa e o nosso prestígio, pode influir na Revolução Nacional.

E quanto ao problema da redistribuição de mandatos, novamente apresentado, o Chefe do Governo, depois de lembrar que nós só herdamos na partilha das colónias alemãs a «restituição» de Kionga, acrescenta: — Penso que o problema, antes de ter uma fase aguda, terá uma fase jurídica.

Se a fase for jurídica, teremos de demonstrar que temos razão.

Se for aguda, teremos de demonstrar que temos força. Espero que se for necessário, demonstraremos que temos uma e outra.

Estes esclarecimentos, que Sua Ex.^a sabe dar na devida oportunidade, merecem a ponderação de todos os portugueses bem intencionados e respondem claramente à *incerteza estomacal* de certos cavalheiros, que não sabem ainda onde nasceram e hesitam, por isso, ao falarem na Abissínia, na Espanha a na própria Rússia.

Uma prova

O jornal *República*, na sua teima apaixonada de ocultar tudo o que é nosso e não referir aos seus leitores o que se pensa e faz em Portugal, não esconde nunca a preocupação de apresentar, depois de convenientemente explorado, o

que lá de fora pode servir para as suas desejadas conclusões.

E assim é que, mentindo aos seus leitores e não curando, em nenhum assunto, de lhes lembrar que nasceram neste país, afirma — e eles acreditam! — que só há «liberdade, igualdade e fraternidade» naquelas nações em que, pela desordem geral que as enfraquece, mais se avoluma e incendeia a labareda ameaçadora da paz do mundo.

Ainda agora, a propósito da vitória eleitoral das esquerdas espanholas, dizia há dias, na primeira página, em letras de encomenda, que o entusiasmo era geral e vibrante em toda a Espanha e chegava a comover pela ordem e cordura de todas as suas manifestações.

Mas como o diabo é tenebroso e na redacção, segundo se depreende, não abunda a inteligência nem o próprio bom-senso, encontramos, no mesmo número e numa outra página, um telegrama elucidativo, que escapou certamente à censura rigorosa exercida lá no jornal contra tudo que possa, de qualquer forma, contrariar a orientação... de Moscovo.

Ficamos, pois, a saber, por intermédio da insuspeita *República*, que o entusiasmo das esquerdas espanholas foi tanto que até se incendiaram mais igrejas e conventos, as imagens sagradas andaram pelas ruas a servir de fantoches e a serem partidas por tam selecta multidão e houve ainda mais mortes, mais feridos e mais assaltos e roubos.

No fim disto, só desejávamos saber se, na hipótese daquela balbúrdia se estender a Portugal, os homens da *República* louvariam também todos aqueles que não hesitariam em atacar a honra e a vida de suas famílias, os seus haveres e até os próprios santinhos escondidos nos seus quartos de dormir...

UM QUADRO EXPRESSIVO

De um jornal de Lisboa transcrevemos este telegrama:

«Madrid, 21. — Calcula-se que do passado domingo, até hoje, morreram, em todo o país, em consequência de distúrbios ocasionados pelas eleições, dezanove pessoas e que os feridos são em número de 94.

Fôram incendiadas dez igrejas e empasteladas as tipografias de alguns jornais das direitas.

Registaram-se incidentes em nove cidades. — (U. P.)»

Como pano de amostra da apregoada Liberdade, não há nada mais eloquente.»

Igrejas em chamas, tipografias empasteladas, mortos, tumultos, etc., eis as maravilhas da Democracia.

LUZ DO RESGATE

(Sobre a leitura do projecto que restitue a Deus a Escola Portuguesa)

*De novo a Ti, Senhor, que assinalaste
Caminho heróico, a Portugal, outrora,
— Desde o vagido inicial, à hora
Em que se torna Corpo e anseio de Haste,*

*Ourique, Aljubarrota, ou mar em fora,
Tudo nos deste e pouco nos levaste:
— Não mais que a fé no Teu Poder: Engaste
Da Tua Cruz Divina e Salvadora!*

*O' Deus! O' Cristo! O' Rei dos Portugueses!
De nossa culpa, foram os reveses.
Se Tu nos deixas Pai, quem nos consola?*

*Revive em nós, Senhor! Torna de novo:
A nossa Pátria, a Pátria do Teu Povo!
A Tua Cruz, a Luz da nossa Escola!*

Fevereiro de 1936.

GIL MARCOS.

A QUESTÃO DO TEATRO

Abordaram este magno assunto, nos seus números da semana pretérita, os semanários locais *Comércio de Guimarães* e *Notícias de Guimarães*.

O primeiro desfibrou o assunto com verdade, energia, clareza e precisão; o segundo com insinuações, fantasias e incongruências. Duas maneiras diferentes e opostas de servir a Terra.

Qual a mais digna?

Inventar, insinuar e deturpar, ou explanar em linguagem firme a verdade dos factos?

O leitor que conclua.

Para que não nos imputem deturpações do pensamento alheio, vamos transcrever passos confirmativos das nossas asserções.

O *Comércio de Guimarães*, depois de reproduzir o decreto publicado em 1933, autorizando a expropriação do Teatro de D. Afonso Henriques para a abertura de uma rua, afirma: «naturalmente que a rua não se fez». Em seguida continua:

«Após porfiados esforços, veio há dias autorização para ser posta a concurso a reconstrução do edificio, e quando todos julgavam o assunto liquidado, surge o illustre advogado do nosso prezado amigo o sr. João Teixeira de Aguiar, o provável proprietário do novo edificio, a advogar a causa, que, não se tendo cumprido a letra do decreto, pela lei das expropriações, o seu constituinte não ficava devidamente garantido.»

«O caso foi estudado entre as partes interessadas.»

«Sabemos no entanto, e isso o noticiamos com prazer, que, ao contrário do que propalam derrotistas, a questão não está posta de parte, mas se estuda, de harmonia com a defesa dos interesses do novo proprietário do edificio a reconstruir, a melhor forma de resolver o assunto.»

«Mais sabemos, que entre as partes envolvidas nesta questão, houve sempre a melhor harmonia, e todos procuram, o mais depressa possível, encontrar a melhor forma de satisfazer as necessidades da terra, sem desprezar os interesses daquele que vai arriscar capitais e gastar energias.»

«É esta a verdade dos factos.»

E' esta, efectivamente, a expressão da verdade.

O *Notícias de Guimarães*, escondendo com intuitos reservados o desenrolar da questão, desentranha-se em insinuações deste teor: «obtem-se a impressão de que tudo gira à volta da arrematação do velho Teatro de D. Afonso Henriques e que o receio do aparecimento de uma nova empresa é o papão que assusta e atormenta, conhecida e reconhecida a impossibilidade de ter mão numa hasta pública que tem de ser levada a efeito».

A má fé que as linhas transcritas revelam, não tem classificação possível.

Estamos todos convictos, que a falta de um teatro, inferioriza e rebaixa a nossa terra.

Pugnemos, pois, com energia e ardor pela construção ou reconstrução de uma casa de espectáculos.

Sem tibiezas nem desânimos, lutemos por um teatro!

Guimarães, sem uma casa de espectáculos, é um facto inadmissível.

Mas convençam-se, os srs. do *Notícias*, que a chicana e a mentira nunca produziram uma obra construtiva.

Encaremos a questão do teatro sem insinuações, adentro da verdade.

Segundo este critério, avante, com redobrado vigor, por um teatro em Guimarães.